Temos um sonho

Juan Garay

Reunimo-nos num ponto de inflexão da história humana.

Falamos não a partir do conforto, mas da urgência.

Não a partir do ódio, mas da responsabilidade.

Não como líderes ou especialistas, mas como pessoas —

pessoas que se recusam a normalizar o sofrimento.

Vivemos num mundo governado por um sistema político global que, demasiadas vezes, se submete à força em vez da justiça. Um mundo onde ameaças intimidatórias substituem o diálogo, onde o direito internacional se curva diante do poder militar e económico, e onde o Conselho de Segurança das Nações Unidas — incumbido de proteger a paz — tem repetidamente permitido guerras, ocupações e genocídios, por ação, omissão ou veto.

Isto não é um fracasso de ideais.

É um fracasso de estruturas.

Ao lado desta ordem política ergue-se um sistema económico que escapou a todo controlo democrático. Um sistema em que gigantescos gestores de ativos concentram riqueza e poder a um ritmo exponencial, transformando governos em administradores de interesses de mercado e reduzindo os seres humanos a custos, riscos ou dados.

Este sistema recompensa a extração em vez do cuidado, a acumulação em vez da vida, e o lucro em vez da verdade. É uma ditadura global do dinheiro, exercida por poucos e suportada por bilhões.

Para sustentá-la, expande-se silenciosamente outra forma de dominação: a dominação da atenção. Através de ecrãs que ocupam uma parcela cada vez maior do tempo humano, o poder mediático molda pensamentos, medos e desejos. Treina a passividade, acelera o individualismo e transforma cidadãos em consumidores isolados — desconectados da terra, da comunidade e uns dos outros.

Ao mesmo tempo, fronteiras artificiais fragmentam tanto a humanidade quanto os ecossistemas, dividindo aquilo que a própria vida nunca dividiu. Essas fronteiras justificam exclusão, guerra e exploração, enquanto ocultam o facto de que a Terra é uma só e o nosso destino é comum.

Das mais altas instituições globais aos governos nacionais; da academia às corporações; dos organismos económicos às hierarquias religiosas, flui para baixo uma violência subtil e constante. A violência do comando sem escuta. A violência da hierarquia sem responsabilidade. A violência da autoridade que normaliza a obediência e silencia a dissidência. Esta violência estrutural não é abstrata.

Segundo análises apresentadas nos webinários SHEM sobre equidade sustentável em saúde, (https://www.sustainablehealthequity.org/webnair) o sistema global atual provoca a perda prematura de aproximadamente 16 milhões de vidas humanas por ano e a destruição de centenas de milhões de anos de vida — não por destino inevitável, mas por desigualdade evitável, privação, degradação ambiental e negligência organizada.

Ao mesmo tempo, este sistema está a destruir as bases vivas da existência humana — solo, água, clima, biodiversidade — comprometendo a própria possibilidade de sobrevivência humana para além deste século.

Diante desta realidade, o desespero seria compreensível.

Mas o desespero seria também uma rendição.

Por isso dizemos: temos um sonho.

Temos um sonho de que a humanidade se recorde de que toda a vida é sagrada e de que os seres humanos fazem parte da teia da vida — não seus donos, não seus senhores.

Temos um sonho de comunidades que regeneram os ecossistemas em vez de os esgotar; que curam a terra e a água em vez de as sacrificar; que escolhem o cuidado com a biodiversidade como condição para o seu próprio futuro.

Temos um sonho de formas de viver enraizadas na compaixão, onde a alimentação não depende do sofrimento sistemático, e onde a saúde é entendida como relacional — entre corpos, comunidades e ecossistemas.

Temos um sonho de autossuficiência solidária: comunidades que recuperam os essenciais da vida através da simplicidade, da cooperação e do apoio mútuo, reduzindo a dependência de um mercado global alienante e destrutivo.

Temos um sonho de decisões sem dominação — onde o poder é partilhado, o consentimento importa e a liberdade é inseparável da responsabilidade. Um mundo onde as hierarquias dão lugar à participação e a sabedoria emerge da inteligência coletiva.

Temos um sonho de convivência enraizada na empatia, onde trabalho, cuidado, descanso, afeto e cura são igualmente valorizados; onde a solidão não é ignorada; onde a violência não é normalizada; onde a dignidade é protegida no quotidiano.

E temos um sonho de uma rede global de comunidades soberanas e interligadas — enraizadas nos seus territórios, abertas umas às outras, partilhando saberes, sementes e solidariedade para o bem comum. Uma rede que transcende fronteiras sem apagar a diversidade, e coopera sem dominação.

Este sonho não é uma fantasia adiada para amanhã.

É uma direção já visível sempre que pessoas escolhem a vida em vez do lucro, a cooperação em vez da competição e o cuidado em vez do controlo.

Com este sonho, recusamos a ideia de que não há alternativa.

Com este sonho, rejeitamos a mentira de que a violência é inevitável.

Com este sonho, comprometemo-nos — não com a perfeição, mas com a coerência.

Que esta seja a geração que escolheu a vida.

Que este seja o momento em que a humanidade mudou de rumo.

Que este seja o tempo em que pessoas em todo o mundo se levantaram e disseram: basta.

Basta de uma economia que mata.

Basta de uma política que exclui.

Basta de uma cultura que anestesia.

Temos um sonho — e vamos vivê-lo até que se torne realidade.

Pessoas do mundo em pé contra a violência do capitalismo.